



AS CONSTRUÇÕES DE SUJEITOS SOCIAIS POR MEIO DAS NARRATIVAS ORAIS: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE LUCILIA DE ALMEIDA NEVES DELGADO¹

Isac Ferreira²

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Ipiranga de Goiás, Goiás, Brasil
isac_fer@hotmail.com

Resumo: Durante a minha pesquisa de pós-graduação lato sensu me deparei com a dificuldade de encontrar documentos escritos e recorri às entrevistas orais para responder e iniciar novas indagações. A história oral acrescenta a dimensão viva e traz uma abordagem variada de recursos a serem utilizados pelo pesquisador a contribuir com novas perspectivas a historiografia. Utilizei o livro “História Oral: memória, tempo, identidades”, de Lucilia de Almeida Neves Delgado (2010), por tratar da metodologia a ser utilizada na construção do estudo – História Oral – e por trazer consigo conceitos que elucidarão na realização da pesquisa – memória e identidade. Sendo assim, o objetivo deste artigo é contribuir com procedimentos na etapa das entrevistas orais e de suas transcrições.

Palavras-Chave: temporalidade, história oral e fonte.

¹ Atualmente é Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em História da Universidade de Brasília (UNB). Possui Graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1974), Mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (1979) e Doutorado em Ciências Humanas / Ciência Política pela Universidade de São Paulo (1989). Atua nas áreas de: História do Brasil Republicano, Teoria Política, Metodologia da História e Metodologia das Ciências Sociais. Foi Professora da UFMG de 1978 a 1996 Na UFMG também foi Pró Reitora de Graduação no período de 1993 a 1996. Foi Professora Titular da PUC de Minas Gerais de 1986 a 2010. Tem orientado inúmeras teses de doutorado e dissertações de mestrado, além de bolsas de iniciação científica, monografias de final de curso de graduação e monitorias. É autora dos seguintes livros: Comando Geral dos trabalhadores no Brasil (1961-1964) Ed Vozes; Tancredo Neves: a trajetória de um liberal (em conjunto com Vera Alice Silva). Ed Vozes; PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964). Ed Marco Zero; Edgar de Godói da Mata Machado: fé, cultura e liberdade (em conjunto com Otávio Dulci e Virginia Mendes); Coleção, O Brasil Republicano. 4 vol. (em conjunto com Jorge Ferreira). Ed Civilização Brasileira; História Oral: memória, tempo, identidades. Autêntica Editora. Seus inúmeros artigos estão publicados em diferentes revistas nacionais e internacionais.

² Mestrando em História

Para Delgado (2010) a memória é uma construção sobre o passado que é permitida, atualizada e renovada no tempo presente. Contudo, os fatos históricos são imutáveis, porém os historiadores e as testemunhas da história constroem análises e narrativas influenciadas pelo tempo no qual estão submetidas.

Para Lozano (1998) a história oral é um espaço de contato e influência interdisciplinares. Apresenta-se com métodos e técnicas precisas. Lida com o âmbito subjetivo do ser humano. Compartilha com o método histórico: problemática, procedimentos heurísticos realiza crítica interna e externa da fonte e faz uma análise interpretativa das evidências; e é um campo multidisciplinar a receber contribuições específicas da linguística, folclore, semiótica e psicanálise. Apresenta as seguintes facetas: técnica – sem pretensões científicas ou acadêmicas; subdivisões: arquivista documentalista: cria e organiza documentos para a utilização possível e futura; Difusor populista: constroem amplos acervos, mas, não tentam avançar na produção de conhecimentos; Metódica: conceitua e reflete teoricamente as entrevistas; subdivisões: estilo reducionista: a evidência oral é utilizada como apêndice ou complemento. É a mais utilizada põe na boca dos outros os nossos pensamentos; analista completo: não se limita a uma única técnica ou um método, mas, as complementam e as tornam mais complexas.

Partindo do artigo de Michael Pollak – Memória, Esquecimento, Silêncio – publicado na revista “Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15”, em que o autor toma como ponto de partida o conceito de Memória Coletiva de Maurice Halbwachs que acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, como reforço a coesão social pela adesão afetiva do grupo, ao qual ela chama de “comunidade afetiva”. Para Halbwachs, “a nação é a forma mais acabada de um grupo e a memória nacional a forma mais completa de uma memória coletiva”. Ele menciona tanto a seletividade de toda a memória, quanto um processo de “negociação” para conciliar a memória coletiva e individual, ou seja, para que a nossa memória se beneficie da dos outros, é necessário não só o testemunho dessa memória, como a concordância desta com as nossas memórias já consolidadas. É necessário que haja “pontos de contato entre ela e as outras, para que as lembranças que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum”.

A historiadora Ana Maria Marques, doutora pela UFSC, no paper O Depoimento Oral no Confronto com a Fonte Escrita (2007) assevera que o depoimento, todavia, não

é um mero relato de fatos, mas, uma expressão de subjetividade. Acreditar que o testemunho seja experiência factual objetiva e a interpretação esteja reservada ao historiador é uma utopia fundada em preconceitos de caráter classista.

De acordo com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC³),

“a história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Começou a ser utilizada nos anos 1950, após a invenção do gravador, nos Estados Unidos, na Europa e no México, e desde então difundiu-se bastante. Ganhou também cada vez mais adeptos, ampliando-se o intercâmbio entre os que a praticam: historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos e outros”,
<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>_acessado: 08/09/2013.

No livro *O Campo da História – Especialidades e Abordagens*, de José D’Assunção Barros (2004), o autor salienta que a imprecisão do oral não nos deve enganar; também existem espaços dissimulados que se escondem na documentação escrita, contornando silêncios e falseamentos, relevando segredos que o próprio autor do texto não pretendia revelar.

Delgado (2010) dividiu o livro em duas partes que trazem artigos sobre a história oral e a utilização da memória como ferramenta em construção de acordo com o período histórico em que as entrevistas orais ocorreram. Na primeira divisão, há textos teóricos e metodológicos reunidos com o título: “História Oral, memórias, identidades”, que consistem em reflexões teóricas sobre relatos, temporalidades, dinâmicas constitutivas das identidades de caráter mais pragmático referente a procedimentos de pesquisa que utilizam os recursos da história oral. A autora faz uso de citações de Pollak (1989), Thompson (1992) e Marilena Chauí (2002) para se referir ao conceito de memória. Na segunda parte, intitulada “Tempos Vividos e Memória Histórica” apresenta reprodução de narrativas e relatos de pessoas entrevistadas a enfatizar o ideal de solidariedade como suporte a identidade partidária a partir da década de 1960 e o paralelo existente entre memória e literatura a tomar como referência as obras de Jorge Luís Borges e Pedro

³ No Brasil, a metodologia foi introduzida na década de 1970, quando foi criado o Programa de História Oral do CPDOC. A partir dos anos 1990, o movimento em torno da história oral cresceu muito. Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral, que congrega membros de todas as regiões do país, reúne-se periodicamente em encontros regionais e nacionais, e edita uma revista e um boletim. Dois anos depois, em 1996, foi criada a Associação Internacional de História Oral, que realiza congressos bianuais e também edita uma revista e um boletim. No mundo inteiro é intensa a publicação de livros, revistas especializadas e artigos sobre história oral. Há inúmeros programas e pesquisas que utilizam os relatos pessoais sobre o passado para o estudo dos mais variados temas.

Nava. Recorre a Marc Bloch (2001) para discorrer de acordo como o conceito de tempo na História.

De acordo com Delgado (2010) a história oral é um método que faz uso da construção de fontes, registros, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas facetas sejam factuais, temporais, espaciais, conflituosas e consensuais. São registros de depoimentos pertinentes a história vivida e envolve três elementos essenciais: o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem de gravação. É um campo interdisciplinar para estimular a memória a constituir a fonte histórica produzida.

Destarte, a história oral traz consigo a época enfocada pelo depoimento, o tempo passado, e o período no qual o depoimento foi produzido, o tempo presente. Portanto, é uma produção especializada de documentos e fontes, com interferência do historiador e se cruzam intersubjetividades. A memória mostra-se com um poder infinito onde várias dimensões conversam em um mesmo tom – temporais, topográficas, individuais e coletivas. História, tempo e memória, seja individual ou coletiva, são processos interligados. A memória consolida diferentes experiências ao longo de temporalidades diversas.

Para Thompson (1992) a história oral apresenta inúmeras potencialidades metodológicas e cognitivas, dentre elas destacam-se: novos campos e temas para a pesquisa; novas hipóteses e versões; memórias individuais e coletivas sob diferentes óticas e versões; informações sobre acontecimentos e processos que não se encontram registrados em outros tipos de documentação e etc.

Degaldo (2010) aponta alguns desafios da história oral como a aplicabilidade do método somente às épocas contemporâneas, predomínio da subjetividade, possível influência, mesmo involuntária, do transcritor da entrevista no conteúdo do documento escrito, dificuldade de se registrar expressões de rosto e emoções no documento escrito decorrente da entrevista e etc.

Com base nos relatos teóricos de Degaldo (2010), os livros e artigos que referem-se aos procedimentos relativos a história oral apontam três tipologias de entrevista orais. A primeira, história de vida – reconstrução da trajetória de sujeitos históricos – constitui-se de depoimentos aprofundados e orientados por roteiros abertos, semiestruturados ou estruturados. A segunda, entrevistas temáticas, demonstram experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados. A última, trajetória de vida, são depoimentos de história de vida sucintos e menos detalhados.

Para Pollak (1989) em entrevistas realizadas com indivíduos com estória de vida de longa duração, a despeito de variações importantes, encontra-se um “fio condutor” em cada história. Por isso elas devem ser consideradas como instrumentos de identidade, e não apenas como relatos factuais. Assim, “a estória de vida ordena acontecimentos que balizam uma existência”. Além disso, ao contar uma estória de vida, tenta-se estabelecer uma coerência através de laços lógicos entre acontecimentos chaves (que se apresentam de uma forma mais sólida) e uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. A partir desse trabalho de reconstrução de si mesmo, o indivíduo pode definir seu lugar e suas relações sociais através de um processo de gestão de um equilíbrio precário, com contradições e tensões.

Para Pollak (1989), o problema da memória subterrânea é o da sua transmissão intacta até o dia em que ela possa aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar de algo “não dito” para uma reivindicação, enquanto que o problema de toda memória oficial é o da sua credibilidade, aceitação e organização. Sendo assim, para que possa existir uma memória nacional é necessário um discurso político com um fundo comum de referências organizadas e não uma “montagem” ideológica. O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode ainda ser combinado e interpretado por diversas referências associadas e guiadas pela preocupação em manter as fronteiras sociais e de modificá-las. Esse trabalho reinterpreta o passado em função dos combates do presente e do futuro.

Degaldo (2010) e Janotti/Rosa (1993) asseveram que o historiador é o encarregado de comandar o processo de conhecimento, ao selecionar depoentes, recortar temas, reescrever falas e construir interpretações ligadas à temporalidade vigente. Ambos os autores citaram etapas e procedimentos necessários à preparação das entrevistas de história oral a orientar o desenvolvimento do projeto de pesquisa. A elaboração de um roteiro é indispensável e o mesmo deverá ser flexível e adequado a linguagem e ao vocabulário do entrevistado.

No segundo artigo “História oral, narrativas, tempo, identidades” Degaldo (2010) salientará aspectos do tempo e da memória como auxiliares de dados históricos. O tempo, apesar de aparentemente abstrato, é uma vivência concreta e se apresenta como categoria primordial da história, a trazer a marca da historicidade do olhar do homem.

Aos historiadores, para Degaldo (2010), estes têm que serem cuidadosos ao lidarem com o tempo, pois realizam-se um amálgama peculiar caracterizado pelo

encontro de singularidades e semelhanças temporais a cada experiência concreta da vida humana, também define a vivência da pluralidade a conferir a história originalidade e substância.

A História, como campo de conhecimento, manifesta-se através do fazer coletivo e incorpora-se a fatores individuais a reconstruir o passado ao tecer sua representação no presente. Desta forma, a História parte do único, específico para atingir o universal, geral, (DELGADO *apud* LE GOFF, 1968, p. 169). Não é possível retornarmos ao passado, mas a compreensão do mesmo torna-se cabível com análises dos fragmentos, resíduos e diferentes tipos de documentação. Esta função é da História e memória que evitam que o ser humano perca referências fundamentais a construção das identidades coletivas que são os pilares do reconhecimento do homem como sujeito de sua história, (p. 36). De acordo com Marilena Chauí, “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (DELGADO *apud* CHAUI, 1995, p. 125).

Para Degaldo (2010) há um entrelaçamento muito forte entre história e memória. Ambas são antídotos para lidar com o esquecimento. São espaços do saber que envolvem apropriação, diálogo, destruição e contribuição. Não há oposição entre as mesmas, mas, sim, alteridade e a construção da identidade e a representação do passado as aproximam e as assemelham.

No terceiro artigo Degaldo (2010) aborda as contribuições da memória para a construção da História através de uma inter-relação dinâmica os suportes individuais e coletivos formam um processo diacrônico e sincrônico da vida em sociedade. Desta maneira, “as lembranças constituídas nas relações sociais, são mantidas nos diversos grupos de referência [...] ancoradas no vivido, na experiência histórica”, (DELGADO *apud* OTERO, 1998, p. 42).

A memória seria o incremento necessário para fundamentar os processos identitários a referirem-se as culturas, comportamentos e hábitos coletivos. A memória faz “um cruzamento importante entre o particular e o global, entre o indivíduo e o coletivo, entre a intimidade e a história”, (DELGADO *apud* MAIA; ARRUDA, 2003, p. 21). Sendo assim, História e memória, ambas presentes na produção de relatos orais, são processos cognitivos que permitem que as identidades de sujeitos históricos, individuais ou coletivos possam a ser analisadas como integrantes da tessitura constitutiva da História e das experiências de um povo, (DELGADO, 2010, p. 47).

Na construção da História, a memória torna-se processos sociais ativos. O historiador, através de uma metodologia adequada, retira da memória seu caráter espontâneo, a transformá-la em fonte histórica para a produção de conhecimento científico. A História disciplina e organiza a memória, mas, simultaneamente, enriquece as representações possíveis da própria memória coletiva e a torna um conhecimento intelectual. A História é poder e assume dimensões deste exercício sobre a memória, a ser capaz de produzir silêncios referentes a acontecimentos e de impedir o florescimento de memórias subalternas ou dos vencidos, (DELGADO, 2010, p. 48-49).

O método de história oral é uma recordação realizada por um sujeito individual, contudo, integrado na sociedade. Os depoimentos e os testemunhos contêm um amálgama coletivo de um contexto específico. Produzir História é empenhar em uma jornada de manutenção, construção e transformação das identidades, que são marcas relevantes do mundo pós-moderno, através de diferentes versões a conciliar a razão histórica à memória, (DELGADO, 2010, p. 52-53).

No artigo “Dinâmicas da memória e da História: representações e multiculturalidade” Degaldo (2010) afirma que os sujeitos construtores da história são plurais e de origens sociais diversas a expressar a multiplicidade que lhes é inerente e a caracterizar a alteridade.

O estudo do passado é, na dinâmica histórica, uma construção do conhecimento e defesa do presente a resguardá-lo como matéria-prima para o futuro a articular memória e História. “Os homens são agentes da História e sujeitos da memória, do esquecimento e do saber”, (DELGADO, 2010, p. 56-57).

O tempo, conceito da História de extrema valia, é uma criação social permeada de ambiguidades. As fontes orais, ao lidar com o tempo presente, dimensiona a temporalidade em seus múltiplos movimentos, abstratos ou concretos. O tempo é uma representação da sociedade que traz um sistema simbólico de construções multiculturais realizadas ao longo da História, (DELGADO, *apud* REIS, 1994, p. 13).

Tempo e memória são pontes fundamentais que ligam o presente ao passado e constituem-se em elementos de um único processo a projetar em um movimento simultâneo, o futuro. A memória é uma forma de conhecimento e experiência, pois,

“Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado”, (DEGALDO *apud* DAVID LOWENTHAL, 1998, p. 75).

Os documentos orais são bastiões das lembranças e são produzidos através do ato de rememorar individual que se relaciona com um contexto social – prática coletiva. A metodologia da história oral deve cercar-se de cuidados especiais, pois tem na memória e nos relatos de depoentes sua principal fonte de informação. Cabe o diálogo com recursos epistemológicos de outras áreas de conhecimento assim como com outras fontes históricas, (DEGALDO, 2010, p. 64-66).

Na segunda parte do livro intitulada “Tempos vividos e memória coletiva” Degaldo (2010) abordará cinco capítulos que enfatizaram, até forma redundante, o conceito de memória e sua relação explícita na formulação de um conhecimento que possa ser validado e científico – História.

“A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista” Degaldo (2010) reforçará a memória como um campo de processo social ativo que tem como ponto de partida a vida em sociedade na qual se inscrevem as experiências individuais. A memória, como suporte da identidade, não é conservação, mas pelo contrário, é reordenamento, reconstrução de lembranças, a tornar-se um fenômeno dinâmico, dialético e potencialmente renovável.

A memória e a história se inter-relacionam por meio das produções orais, que são procedimentos cognitivos através dos quais grupos humanos passam a se autorreconhecerem. A oralidade, lidada a memória, é uma ferramenta metodológica que a História utiliza para facilitar o entendimento dos elementos constitutivos da identidade social de um determinado povo e um local específico.

“A longa noite das atas secretas: cassação de deputados operários Minas Gerais (1964-1998)” Delgado (2010) busca, na História, elementos constitutivos da memória social a analisar a trajetória sindical e política de líderes operários e sobre o processo de discriminação social e político vigente neste período.

Nos artigos “Politização do sagrado: padres franceses e autoritarismo” e “Intolerância política no Brasil: catolicismo, direitos humanos e direitos sociais (1964-1985)” Degaldo (2010) utiliza da memória, com relatos orais coletados de padres, bispos arcebispos para enfatizar a politização e atuação de católicos progressistas em um tempo de inserção política de segmentos da igreja católica na luta pelos direitos humanos e sociais no Brasil no período da ditadura militar (1964-1985).

“Jorge Luís Borges e Pedro Nava – literatura e memória: interseções”, o último artigo, Delgado (2010) asseverará que a literatura e memória caminham simultaneamente na manutenção de signos de tradições e de transformações. A literatura

assume a função de lembrar e reforçar as tradições das cidades a tornar-se voz e eco de um tempo que aos poucos tende a se perder nas teias da modernidade e no culto do novo. Eis o papel da memória e os motivos de ambas estarem a entrecruzar-se, (p.117-122). “Nesse sentido, as interseções entre cidades, tempo, memória, literatura fazem do diálogo do presente com o passado recurso de retenção e esteio de identidades”, (DEGALDO, 2010, p. 125).

Halbwachs acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, como o reforço a coesão social pela adesão afetiva do grupo, ao qual ele chama de “comunidade afetiva”. Assim sendo, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Dessa forma, a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva (HALBWACHS *apud* CARVALHAL, 2006, p. 11).

Para Pollack a memória é assim solidificada e guardada e a partir desses pontos de referência de uma história longínqua, e os integramos em nossos sentimentos de filiação e de origem. Nas lembranças mais próximas, aquelas relacionadas às nossas lembranças pessoais, os pontos geralmente estão relacionados a uma ordem sensorial. O filme, de acordo com Pollack, é o melhor suporte para captar as lembranças em objetos de memória produzidos hoje. É grande o seu papel no enquadramento da memória, pois ele se dirige tanto às capacidades cognitivas quanto às emoções. O filme-testemunho e documentário tornou-se um instrumento relevante para os rearranjos sucessivos da memória coletiva e da memória nacional. (VEILON *apud* POLLACK, 1989, p. 12).

Amparado nas informações teóricas de Vinhas (1980) e Pollack (1989) referente ao conceito de memória, este conceito possibilita um esclarecimento sob a incorporação dos discursos de Vargas e sua significância para os colonos que o utilizaram como suporte a lhes atribuir fatores de identidade e coesão social. Destarte, “a partir de uma análise sutil da experiência individual de pertencer a um grupo, e na base do ensino recebido dos outros, que a memória individual toma posse de si mesma” (RICOEUR, 2007, p. 130).

Considerações Finais

Para a realização deste artigo que traz luz a este método de pesquisa, que recebe críticas positivas e negativas de alguns historiadores, foi utilizado com maior afinco o

livro “Usos e abusos da história oral”, organizado por Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira. As autoras abordam que a história oral, com diversas metodologias, institui e dispõe procedimentos de trabalho tais como as entrevistas e as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as distintas formas de o historiador arrolar-se com os entrevistados e as influências disso sobre o seu trabalho a funcionar como ponte entre a teoria e a prática.

A historiadora Ana Maria Marques, doutora pela UFSC, no paper *O Depoimento Oral no Confronto com a Fonte Escrita* (2007) assevera que o depoimento, todavia, não é um mero relato de fatos, mas, uma expressão de subjetividade. Acreditar que o testemunho seja experiência factual objetiva e a interpretação esteja reservada ao historiador é uma utopia fundada em preconceitos de caráter classista.

No livro *O Campo da História – Especialidades e Abordagens*, de José D’Assunção Barros (2004), o autor salienta que a imprecisão do oral não nos deve enganar; também existem espaços dissimulados que se escondem na documentação escrita, contornando silêncios e falseamentos, relevando segredos que o próprio autor do texto não pretendia revelar.

Referências

BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História – Especialidades e Abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONAZZI, Chantal de Tourtier. *Arquivos: propostas metodológicas*. IN: Usos e abusos da História oral/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CHAUÍ, Marilena. *Convite a Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral – memória, tempo, identidades*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

JANOTTI, Maria de Lourdes; ROSA, Zita de Paula. História Oral: um utopia? *Revista Brasileira de História*. (25-26). São Paulo: ANPUH, 1993.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1999.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*. São Paulo: EDUC, 1998.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. *Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea*. IN: Usos e abusos da História oral/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MAIA, Andréa Casanova; ARRUDA, Rogério. Nos trilhos do tempo. Memória da ferrovia em Pedro Leopoldo. Belo Horizonte: Maza Edições, 2003.

MARQUES, Ana Maria. O depoimento oral no confronto com a fonte escrita. Santa Catarina, 14 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Ana%20Maria%20Marques.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2013. 12:20:15.

OTERO, Loiva Félix. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: EDIPUF, 1998.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

REIS, José Carlos. *Tempo, História e evasão*. Campinas: Papius, 1994.

VOLDMAN, Daniele. *A invenção do depoimento oral*. IN: Usos e abusos da História oral/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.